

UMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE HISTÓRICA DOS CONTOS POPULARES DE 1880, DE LIEV TOLSTÓI

A PROPOSAL FOR THE HISTORICAL ANALYSIS OF FOLK TALES FROM 1880, BY LEO TOLTOY

Fabiola Orlandini Gomes¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os contos populares russos da década de 1880 do escritor e pedagogo russo Liev Tolstói, destinados aos camponeses de Iásnaia Poliana, sua propriedade em Tula, ao sul de Moscou, na qual foi criada uma escola gratuita em 1859. Para tal intento, apresenta-se a história da Rússia naquele período, com o propósito de expor o contexto histórico-social em que os contos foram escritos, bem como a vida do escritor, a fim de compreender a fase mística pela qual estava passando no período, sua dedicação à educação dos mujiques e sua proposta de uma nova moral social.

Palavras-chave: Tolstói. Contos. Iásnaia Poliana. Rússia.

Abstract: The goal of this article is to analyze the Russian folk tales from the decade of 1880 by the Russian writer and pedagogue Lev Tolstoy, intended for the villagers from Yasnaya Polyana, his property in Tula, southern Moscow, in which a free school was created in 1859. For such intent, the Russian history from that period is presented, in order to clarify the social-historic context in which the tales were written, as well as the writer's life, to understand the mystical phase he was going through in the time, his dedication to the mujik education and his proposal for new social morals.

Keywords: Tolstoy. Folk tales. Yasnaya Polyana. Russia.

INTRODUÇÃO

Para que seja possível compreender e interpretar os contos populares russos da década de 1880 escritos por Liev Tolstói, torna-se necessário refletir sobre a relação entre História e Literatura. Nesse sentido, este artigo mobiliza as obras literárias de Tolstói, estudando-as de forma integral, considerando-se tanto a vida pessoal do autor quanto o momento histórico de produção dos referidos contos.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) - Universidade de São Paulo. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (2016).



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Em princípio de análise, quando obras literárias são utilizadas para a compreensão de um dado período histórico, prevalece o questionamento acerca da viabilidade de uso da literatura para a análise dos fatos. Para tal indagação, há duas vertentes a serem ponderadas.

Em primeiro lugar, o sujeito-historiador, ao se deparar com seu objeto de pesquisa (e quando faz dele relato), trabalha com aquilo que está dado pelo seu arquivo e segue, assim, suas referências. Assim, o sujeito-historiador acaba por selecionar o que para lhe salta aos olhos, descartando o que para ele é irrelevante. Em outras palavras, mesmo tentando ao máximo registrar o que aconteceu de fato naquela situação passada, o historiador, ainda assim, coloca suas próprias interpretações em sua escrita. Portanto, os demais pesquisadores que utilizarão seus arquivos adotam uma primeira interpretação sobre o fato, e continuam seus trabalhos a partir dali.

Em segundo lugar, há de se considerar as fontes que o autor utiliza para a construção de suas obras literárias. Assim, o autor tece um estudo sobre sua nova escrita, sobre os personagens que estarão presentes, o local onde tais personagens viverão, suas ocupações, personalidades, dentre outros aspectos pertinentes à construção literária. Portanto, a partir do processo de construção de personagens, é possível perceber que a literatura bebe na fonte histórica para apresentar seus feitos, trazendo para o público a possibilidade de conhecer, por meio dos escritos, a interpretação do autor sobre a história do local escolhido para a ambientação da obra.

Para Pesavento (2003), História e Literatura possuem formas distintas, porém próximas, para narrar a realidade e atribuir-lhe sentidos, residindo sua principal diferença no objetivo que possuem quando lidam com a veracidade dos fatos. Nessa perspectiva, o historiador, diferente do autor literário, não cria os fatos; fica à mercê de um episódio, e o que cria é sua versão dos acontecimentos, sua interpretação. Caso sejam pesquisados dados históricos como nomes e datas, a literatura não será a melhor opção. Em contrapartida, a literatura passa a ser uma aliada caso sejam buscados os valores e sentimentos que rondavam a época analisada. Sendo assim, a depender do objetivo do trabalho, as obras literárias podem ser utilizadas para estudar história e vice-versa.

No mesmo sentido, para Volóchinov/Bakhtin (2017), é de suma importância conhecer o contexto histórico do país no momento em que os contos foram escritos, a fim de que os leitores possam reconhecer os valores, a cultura e os sentimentos que rondavam as pessoas naquele momento. De igual maneira, a vida do escritor, para que seja possível reconhecer o horizonte social e o discurso alheio com quem se dialoga, tornando-se possível a compreensão da obra.

Com tal vertente de análise, o presente trabalho discute os contos populares de Tolstói, escritos a fim de apresentar uma nova moral como orientação educativa. Os contos foram destinados aos camponeses de sua propriedade, Iásnaia Poliana, onde fora fundada, em 1859, uma escola homônima para os filhos dos servos. Posteriormente, adultos também passaram a frequentar a mesma escola.

Empregou-se o segundo dos três volumes da obra “Contos Completos” de Liev Tolstói, publicado pela editora Cosac&Naify, em 2015, traduzidos direto do russo por Rubens Figueiredo. Na referida edição, os “Contos Completos” dividem o volume com “Contos da Nova Cartilha”, “Primeiro livro russo de leitura”, “Segundo livro russo de leitura”, “Terceiro livro russo de leitura” e “Quarto livro russo de leitura”, textos que não foram escopo de investigação neste momento.

RÚSSIA NA DÉCADA DE 1880

Os contos populares escritos por Tolstói foram demarcados, pela editora, como pertencentes à década de 1880. Naquela época, a Rússia estava sob o poder do penúltimo czar, Alexandre III (1845-1894), que subiu ao trono em 1881, após o assassinato de seu pai, Alexandre II (1818-1881).

Grunwald (1988) afirma que Alexandre III ignorou os conselhos do escritor Tolstói, bem como do filósofo Solojov, que recomendavam atenuar as penas dos revoltosos, assassinos de seu pai. Tolstói e Solojov argumentavam que, dessa maneira, era possível amenizar as tensões políticas do momento, o que não foi seguido por Alexandre III, pois condenou os criminosos ao enforcamento. Para além, sua ira eclodiu com o luto, e o czar retrocedeu as reformas feitas por seus antecessores: controlou a imprensa, tirou a autonomia das universidades, os administradores do governo passaram a ter poderes quase ilimitados e a polícia passou a ter mais seções de segurança secreta, chamadas *okhrana*.

Ademais, o czar decidiu perseguir o povo russo por suas crenças e etnias com o plano de “russificação”, que estabelecia a crença religiosa do povo somente à Igreja Ortodoxa Russa e sobrepunha a língua russa na educação². Com isso, ucranianos, caucasianos, poloneses e outros povos que habitavam o território do império russo foram subjugados.

² Bakhtin, nascido em 1895, primeiro ano do governo de Nicolau II, filho de Alexandre III, era contra a homogeneização da língua, por acreditar em sua modificação conforme os signos ideológicos, que também mudavam de acordo com as interações sociais e o compartilhamento de horizontes sociais. Segundo sua teoria, é impossível homogeneizar a língua do maior país do mundo (e não só dele), uma vez que cada região possui seu próprio horizonte social, sua própria linguagem, que se move e se modifica constantemente.

Por sua vez, a perseguição contra os judeus se deu de forma ainda mais intensa, pois o governo impôs limitações em seus comércios e permitiu sua agressão pelos demais cidadãos, mesmo diante das autoridades policiais (GRUNWALD, 1988). No sul do país, foram realizados *pogroms*, massacres do povo judeu, cujos sobreviventes se interessavam, cada vez mais, pelos movimentos revolucionários daquele período. Além do que, colaborando ainda mais para o clima de caos, o país passou por um agravamento na escassez de alimentos em 1890-1891.

Plantando sua ira em terreno fértil, Alexandre III rapidamente colheu frutos. A população fez emergir grande ódio contra o czarismo, porém sem que se preparasse revolta ou ataque (como ocorrera contra seu pai). Em 1894, Alexandre III faleceu em decorrência de nefrite, deixando como sucessor Nicolau II (1868-1918), o último Romanov a governar a Rússia.

Naquele momento, o império estava em difíceis condições não só pela trágica perseguição ao próprio povo, mas por conta das derrotas em guerras, das revoltas emergentes e dos desentendimentos entre o czar e a nobreza quanto às decisões referentes ao império. Assim, Nicolau II não contou com o apoio popular, antes seguro, para a dinastia Romanov.

Por seu turno, a Igreja ainda possuía influência sobre os imperadores, apesar de menor poder – se comparado ao que tinha na dinastia Rurik –, o que se fazia sentir pela “russificação” imposta por Alexandre III. Ainda se propagava o discurso de que Deus havia imputado aos pobres suas condições, e que a divindade erguera o czar como líder a conduzir o povo.

Os mujiques sob regime de servidão até 1861 foram libertos pelo czar Alexandre II, pai de Alexandre III, que estava no poder na década de 1880. Entretanto, continuaram em condições miseráveis, ficando com as piores terras para plantio e trabalhando em troca de moradia e comida, o que explica suas péssimas condições de vida mesmo depois da liberdade.

O escritor Tolstói, em sua fase mística³, permeada por questionamentos religiosos, posicionou-se contra o governo czarista pregando a não violência, a abolição do serviço militar e o regresso ao cristianismo de origem, fato que levou-o a ser excomungado da Igreja Ortodoxa. Outros intelectuais e progressistas uniram-se e escreveram obras sobre a situação do império, com soluções para o governo prevenir uma revolução, mas seus escritos foram posteriormente proibidos.

³ No total, podemos identificar quatro fases pelas quais o autor passou: infância, na qual demonstra a inocência; juventude, com orgulho e vícios, quando iniciou sua carreira militar e literária; romancista, em que escreveu duas de suas grandiosas obras, *Guerra e Paz* (1863-1869) e *Anna Kariênina* (1873-1877), e mística, na qual sobressaíram-se seu estado espiritual e sua redenção moral.

Nesse ínterim, a economia russa cresceu e foram duplicados os investimentos financeiros estrangeiros aplicados nas indústrias de carvão, ferro, tecidos e extração de petróleo, além da conclusão da linha de ferro Transiberiana do Extremo-Oriente (HOBSBAWN, 2016). Entretanto, havia a contraditória condição das indústrias: embora houvesse investimento do governo, dependia-se de empréstimos estrangeiros; enquanto as indústrias seguiam as relações capitalistas de produção, o governo permanecia no absolutismo feudal.

Em contrapartida a tanto progresso, os trabalhadores eram mal pagos, moravam em casebres e não possuíam representantes no governo. Os mujiques (camponeses) também estavam em condições miseráveis, pois ainda trabalhavam como servos e não como assalariados, relação que já acontecia na Europa Ocidental. Conforme já mencionado, tal situação devia-se à abolição da servidão (1861), que resultou num grande endividamento, e obrigou os camponeses a recorrerem à servidão para a sobrevivência.

Nos últimos anos do governo de Alexandre III, a crise capitalista mundial afetou a agricultura, o que resultou em mortes, por fome, no período entre 1891 e 1892. Isso fez com que eclodissem movimentos revolucionários não apenas no campesinato – que em 1897 representavam 80% da população russa, cerca de 126 milhões de habitantes (HOBSBAWM, 2016, p. 444) – mas principalmente entre os trabalhadores fabris, ótimo terreno para ideias insurgentes, resgatando-se, assim, os planos de união contra o governo.

O ESCRITOR E EDUCADOR LIEV TOLSTÓI

Pertencente a uma família da alta aristocracia russa, Liev Nikolaievitch Tolstói nasceu em Iásnaia Poliana, província de Tula, 160 km ao sul de Moscou, no dia 28 de agosto de 1828 do calendário juliano. Aos dois anos de idade, Liev perdeu a mãe, e aos nove, o pai. Assim, sua tia Alexandra Ilínitchna Tolstáia (1795-1841) assumiu-o, juntamente com seus quatro irmãos.

Na época, os filhos dos aristocratas eram educados em casa por professores estrangeiros, pois deveriam se distinguir do restante da sociedade, não podendo falar apenas a língua russa. Assim, a língua francesa era falada por toda a aristocracia, seguida pelo alemão e pelo inglês.

Rössel, preceptor alemão de Liev, foi quem desenvolveu o gosto do menino pela leitura e escrita. Posteriormente, um preceptor francês, do qual Liev se lembrava com pesar, auxiliou-o no ingresso da universidade.

Em 1841, quando Liev tinha apenas 13 anos de idade, faleceu também sua tia Alieksandra. Assim, Tolstói, os irmãos e os tutores passaram a morar com outra tia, Pelageia Ilinitchina Tolstáia (1797-1875), em Kazan (aproximadamente 800 km a leste de Moscou). Liev entrou na universidade da cidade aos 16 anos, porém desistiu dos estudos e, sofrendo constantes recriminações da tia, escolheu voltar para Iásnaia Poliana. Nesse período, o escritor se deparou com uma contradição que o incomodava profundamente: ao mesmo tempo em que usufruía do luxo por pertencer à aristocracia, pensava em seus servos e em dar-lhes melhores condições de vida. Tal questão seria, então, trabalhada pelo escritor durante toda sua existência.

Aos 23 anos, a pedido do irmão Nikolai, alistou-se no exército e lutou na Guerra do Cáucaso. No mesmo ano, publicou *Infância* (1852) na revista *O Contemporâneo de São Petersburgo*. Nessa obra, descreveu a infância de um personagem, que apesar de ter inspiração em sua própria história, afirmava não se tratar de uma autobiografia.

No ano seguinte, a Rússia enfrentou uma nova guerra, a Guerra da Crimeia. Liev novamente combateu, porém, decepcionado com a guerra e com as atitudes do czar Nicolau I (1796-1825-1855), escreveu *Relatos de Sebastopol* (1854-1855), que narra o cotidiano de uma cidade sitiada em período de guerra. Pela primeira vez, uma obra fez com que Tolstói se destacasse na Rússia e, em seu regresso ao país, foi recebido como herói. Mais tarde, escreveu *Adolescência* (1854) e *Juventude* (1857), também baseados em sua história e em sua família.

Em 1859, aos 31 anos de idade, Tolstói abriu uma escola para os filhos de camponeses a fim de melhorar as condições de vida dos servos de Iásnaia Poliana. No início de suas atividades, a escola atendia apenas filhos dos servos e alguns adultos. Algum tempo depois, crianças da vizinhança também passaram a frequentá-la. Na pausa de verão, quando as crianças ajudavam os pais nos campos, o escritor viajou para diversos países da Europa e retornou à propriedade com grande bagagem de filosofia e pedagogia.

Quanto à metodologia de ensino, aplicava-se o que Tolstói havia estudado em suas viagens ao Ocidente, mas seguia-se, principalmente, as ideias de Rousseau, com a prática de compreensão, bondade e liberdade, e a exclusão de castigos físicos.

Entretanto, na segunda viagem para o Ocidente em 1860, antes de iniciar o trabalho de educador, Liev viajou à Alemanha para visitar o irmão Nikolai, que passava por tratamento contra a tuberculose. Nikolai auxiliou Tolstói na obra *Os cossacos* (1863), que resgatava suas lembranças da Guerra do Cáucaso.

No ano seguinte, Tolstói festejou a emancipação dos servos da Rússia, decretada pelo czar Alexandre II em 1861. Por conta disso, ao retornar ao território russo, Liev

colocou-se à disposição do governo, trabalhando, assim, como juiz de Paz na província de Tula. Seu encargo previa evitar possíveis problemas entre os proprietários de terras e os camponeses recém-libertos das propriedades.

Em 1862, aos 34 anos, casou-se com Sófia Andreiévna Berhs, com quem se casou e teve treze filhos. Reabriu a escola e criou a revista pedagógica *Iásnaia Poliana*, ambas interrompidas após a polícia secreta do czar ter vasculhado a casa do escritor, acusado de possuir centros revolucionários em suas escolas. O escritor e pedagogo se viu obrigado a interromper a revista pedagógica e a fechar as escolas. Somente estas reabriam anos mais tarde.

No ano seguinte, decidiu retomar sua carreira de romancista. Para seu retorno, elegeu como tema a resistência da Rússia contra as invasões napoleônicas, escrevendo *Voína i mir*, traduzido por *Guerra e Paz* (1863-1869). Sua obra, hoje mundialmente conhecida, consumiu seis anos até sua conclusão. Para escrever sobre um fato histórico tão grandioso para a Rússia, Tolstói pesquisou e trabalhou intensamente; foram escritas mais de cinco mil páginas, o que incluía quinze inícios diferentes, além de inúmeras correções anteriores à primeira publicação.

Em 1878, Liev publicou outra grande obra, *Anna Kariênina* (1873-1877), livro elogiado por seu contemporâneo, Dostoiévski. Na atualidade, a obra é ainda considerada o melhor romance de adultério da literatura universal, e a personagem Anna tornou-se uma das mais complexas da história da literatura.

Anos mais tarde, o escritor passou por uma crise espiritual, e ao se questionar sobre o sentido da vida e se debruçar em questões morais e religiosas, escreveu *Uma confissão* (1882), com relatos de seus momentos de angústia e dúvidas, incluindo os erros de sua vida quando jovem. Além desse, Liev ainda escreveu *A morte de Ivan Ilitch* (1886), *O poder das trevas* (1886) e *A sonata a Kreutzer* (1890), obras que tiveram a morte como tema central.

Por sua vez, *Senhor e Servo* (1889) passou a compor a lista de obras do escritor. Nela, o autor descreve a viagem de um senhor e seu servo para concluir a compra de uma propriedade. No início da viagem, a relação entre eles é estratificada, perpassada pela exploração e submissão. Após ficarem perdidos na neve, contando apenas com a companhia um do outro, a relação se transforma.

Já em 1893, escreveu *O Reino de Deus está em Vós*, volume que possui ensaios do autor em movimento de introspecção e meditação acerca da esfera religiosa, trazendo o ideal de não resistência ao mal como forma de se opor à violência (o que resultaria na quebra de um ciclo vicioso). Em 1900, publicou *Ressurreição* e *O cadáver vivo*. O

primeiro relata o sofrimento dos condenados à deportação, e o segundo, de um homem que decide desaparecer a fim de não mais incomodar os demais.

Diante das mudanças históricas e de sua nova maneira de pensar, abdicou dos direitos autorais das obras escritas após 1881. Conforme suas próprias palavras,

Concedo a todos os interessados o direito de imprimir e publicar gratuitamente na Rússia e no exterior, em língua russa e em traduções, minhas obras que foram escritas a partir do *ano de 1881* e publicadas no décimo segundo volume da obra completa, editada em 1886, e no décimo terceiro volume, editado neste ano de 1891, assim como todas as minhas obras não editadas na Rússia e que podem vir a aparecer a partir de hoje (TOLSTÓI apud BASSÍNSKI, 2013, p. 326, grifo do autor).

Nesse período de crise espiritual e questionamentos, Tolstói rejeitou a autoridade da Igreja Ortodoxa, além de criticar sua hipocrisia e suas contradições, uma vez que ela havia apoiado as guerras enfrentadas pelo país enquanto pregava o amor ao próximo em seus santuários. Em consequência, foi excomungado em 1901.

Em seguida, escolheu viver uma vida simples e morou sozinho, ainda em Iásnaia Poliana, numa casa apartada de sua família. Começou também a se vestir como os mujiques, trabalhou no campo e quis se desfazer de seus bens em favor dos pobres, fato que desagradou sua família.

A nova forma de viver escolhida pelo escritor deu surgimento, por parte de seus seguidores, ao Tolstoísmo – mesmo que Tolstói fosse contra qualquer tipo de organização. Os tolstoístas aderiram a um modo de vida simples, não consumiam carne, álcool e tabaco, trabalhavam para seu próprio sustento, eram contra a violência, contra a propriedade privada, contra o nacionalismo, contra o alistamento militar obrigatório e outras condutas sociais. Tal fato fez com que o tolstoísmo chamasse muita atenção do governo russo, por haver grande número de jovens em idade militar justificando não servir o exército por ser uma atitude não tolerada por sua religião. O czar, ciente de que, se matasse Tolstói, transformá-lo-ia em mártir, começou a perseguir seus seguidores.

Sua última obra, *Não posso me calar* (1908), foi escrita dois anos antes de sua morte, e narrou sua indignação com a situação do povo russo. Apesar de a censura imperial ter vetado sua circulação, a obra foi distribuída clandestinamente pela Rússia e em outros países da Europa, bem como tantos outros escritos censurados do autor.

Em 1910, definitivamente decidido a se afastar da família e viver a vida que pregava como ideal, fugiu de Iásnaia Poliana e, em meio à fuga, faleceu devido à pneumonia em 7 de novembro (calendário juliano), na estação ferroviária de Astapova, atualmente denominada Lev Tolstoy.

A questão da melhoria de vida dos russos, principalmente camponeses, intensificou-se na velhice de Liev e as escolas tolstoístas criadas posteriormente foram cruciais para essa transformação. A educação, para Tolstói, tinha como finalidade formar indivíduos com responsabilidade perante a humanidade, e que visassem ao aprimoramento das relações humanas. Para ele, a boa educação deveria mostrar às crianças o trabalho das pessoas que as cercam, resultante da condição socioeconômica que enfrentam. Assim, os educandos deveriam observar tais situações e sentir vergonha, pois “se ela não sentir vergonha, e se continuar a se aproveitar disso, isso é indício da pior educação, que a marcará profundamente por toda a vida” (TOLSTÓI, 2011 apud PEREZ; OLIVEIRA, 2014, p. 248).

CONTOS POPULARES DE 1880

Em meados de 1880, Tolstói passava por sua fase mística. Nesta quarta e última fase, o escritor posicionou-se contra o sexo não reprodutivo, a violência e os ritos religiosos. Defendeu, também, o retorno ao cristianismo de origem, passando a ser considerado um profeta pelos seus seguidores.

A partir desse contexto, uma possível compreensão sobre os contos de 1880 é de que Tolstói queria trazer uma nova moral como orientação educativa, uma vez que todos os contos reunidos nessa compilação possuem teor religioso. Nesses escritos, também é possível identificar partes da cultura russa da época, tais como o pagamento dos dotes de casamento, os casacos de pele de ovelha e as botas e cobertores de feltro, as típicas casas camponesas (*isba*) e o costume de dormir sobre a estufa (fogão a lenha) (ROSSÍSKAIA GAZETA, 2014).

Além desses elementos, os contos fazem menção a outros povos que habitavam a Rússia. Um deles, os *baskires*, eram “[...] alegres e tranquilos, passavam o verão inteiro em festa. O povo era todo moreno e não sabiam falar russo, mas eram amigáveis” (TOLSTÓI, 2015, p. 499). Além desses, o autor discorre sobre a terra dos *khokhláti*, ou seja, a Ucrânia. Um de seus personagens do conto *Dois Velhos* avista um homem “[...] com camisa enfiada na calça, à maneira dos *khokhláti*” (TOLSTÓI, 2015, p. 519). Outro povo citado é o calmuco: “O sapateiro foi andando pela estrada, com uma mão batia o cajado na terra congelada, como faz um calmuco, com a outra mão sacudia as botas de feltro [...]” (TOLSTÓI, 2015, p. 405). Os primeiros, assim como os mujiques, bebiam *kumis*, leite de égua ou camela fermentado, bebida típica da Ásia Central.

Pode-se perceber, então, que a cultura russa da época é muito presente nesses contos. Para escrevê-los, Tolstói inspirou-se também no folclore russo, predominantemente alicerçado na cultura camponesa.

Contudo, por meio da visão bakhtiniana, o que mais chama atenção nos contos não se concentra apenas nas narrativas, mas a escolha de linguagem feita pelo autor com vistas ao público-alvo: as crianças camponesas. Para isso, Tolstói deixou a linguagem aristocrática com que escreveu *Guerra e Paz* e *Anna Kariênina*, por exemplo, e escolheu uma linguagem mais simples, com orações diretas, palavras no diminutivo, visando às crianças camponesas em processo de alfabetização.

Logo pelos títulos de alguns contos, percebe-se o teor religioso: *Do que vivem os homens?*; *Os dois irmãos e o ouro*; *Iliás*; *Onde está o amor, está Deus*; *Fogo aceso não se apaga*; *O Diabo insiste, mas Deus resiste*; *Meninas são mais inteligentes do que velhos*; *Um grão do tamanho de um ovo de galinha*; *De quanta terra precisa um homem?*; *O pecador arrependido*; *Dois velhos*; *Os três eremitas*; *A velhinha*; *Contos sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Matânia, o Diabo Velho e os três capetinhas*; *Como um capetinha resgatou um pedaço de pão*; *O afilhado*; *O trabalhador Emelian e o tambor vazio*.

Dos dezessete contos, sete possuem partes do Antigo ou do Novo Testamento (ou ambos) em suas introduções. Todos fazem referência aos ensinamentos cristãos, como se pode ver ao final do conto *Um grão do tamanho de um ovo de galinha*: “As duas coisas aconteceram porque as pessoas pararam de viver do próprio trabalho, passaram a cobiçar o que é dos outros. No tempo antigo, não viviam desse jeito: no tempo antigo, viviam como Deus quer; tinham o que era seu e não queriam o que é dos outros” (TOLSTÓI, 2015, p. 489).

Acerca desse excerto, talvez a expressão “no tempo antigo” remeta ao cristianismo de origem, que o autor defendia. Nesse mesmo sentido, os personagens do conto *Dois velhos* peregrinam para Jerusalém, base para que o autor descrevesse os acontecimentos do mesmo conto, relativos à missa dos outros e à missa ortodoxa.

De igual maneira, no conto *Os três eremitas*, Tolstói descreve o poder do bispo que “salvou” as almas dos eremitas ao ensiná-los rezar o Pai-nosso. Além disso, personagens como anjos e diabos aparecem nas narrativas: “E o corpo do anjo se desnudou, vestiu-se todo de luz, de tal modo que não era possível olhar para ele; e começou a falar mais alto, como se falasse do céu e sua voz viesse do céu” (TOLSTÓI, 2015, p. 432). E também:

O Diabo Velho ficou aborrecido porque os irmãos não brigaram por causa da partilha, mas entraram num acordo por amor. E então gritou para os três capetinhas: - Vejam só – disse -, são três irmãos: Semion Guerreiro, Tarás Barrigudo e Ivan Bobo. Eles tinham de brigar uns com os outros, mas vivem em paz: se dão bem e amigavelmente. O Bobo estragou todos os meus planos. Agora vocês três vão até lá dominem aqueles três e deixem todos tão perturbados que fiquem com vontade de arrancar os olhos uns dos outros. Podem fazer isso? (TOLSTÓI, 2015, p. 565)

O trecho em questão mostra como o personagem Ivan Bobo é tolo quando lida com bens materiais, mundanos, apesar de inteligente com o substrato espiritual – no caso, ele conseguiu dispersar o mal que o Diabo Velho estava implementando no momento da partilha das terras entre os irmãos.

Em *Onde está o amor, está Deus*, o autor coloca o personagem Avdeitch lendo a Bíblia:

Avdeitch leu essas palavras e sentiu alegria na alma. Tirou os óculos, colocou sobre o livro, apoiou os cotovelos na mesa e pôs-se a pensar. E passou a avaliar sua vida segundo aquelas palavras. E pensou: ‘Minha casa está assentada na rocha ou na areia? É boa, como se estivesse na rocha. E fácil ficar nela sozinho, parece que fiz tudo como Deus manda, mas se a gente se distrair, cai pecar de novo. Vou continuar sempre assim. É tão bom. Que Deus me ajude!’ (TOLSTÓI, 2015, p. 447).

Nesse mesmo conto, um dos personagens refere-se a Jesus como “Paizinho Cristo”. Nesse sentido, pode-se entender que a escolha vocabular remete do autor está direcionada a um público-alvo específico.

Conforme já se argumentou, o autor também possui a intenção de registrar o certo/o errado de maneira simples, o que proporcionaria fácil compreensão. Assim, no conto *Meninas são mais inteligentes do que velhos*, tem-se que: “Malachka se assustou, viu o mal que tinha feito, pulou para fora da poça e correu para casa” (TOLSTÓI, 2015, p. 484). Ademais, nesse conto, a lição cristã vem como moral no final: “Quem não for como as crianças não entrará no reino de Deus” (TOLSTÓI, 2015, p. 485).

Além desses exemplos, o autor registra em *Do que vivem os homens?* o provérbio da época: “Pode-se viver sem pai e sem mãe, mas não se pode viver sem Deus” (TOLSTÓI, 2015, p. 427). Portanto, deixa claro o cristianismo como base da nova moral que era pregada.

De igual maneira, é possível ver nos contos as condições dos mujiques, assim como a moralidade, por parte de Tolstói, sobre como eles deveriam ser e se portar – mesmo nas condições revoltantes em que viviam. Esse contexto pode ser percebido em três trechos exponenciais dos contos *Do que vivem os homens?*, *Dois velhos* e *A velhinha*: o primeiro deles, em que o mujique foi a outro cobrar o que devia; o segundo, numa fala do mujique que descreve a realidade dos camponeses “libertos”; e o terceiro, em mais uma fala sobre o feitor da fazenda. Respectivamente:

E eu por acaso também não passo necessidade? Você tem casa, animais, tudo, já eu, tudo que tenho está aqui; você tem seu próprio trigo, mas eu tenho que comprar... Faça o que fizer, eu tenho de pagar três rublos toda semana só pelo pão. Vou chegar em casa e o pão já foi comido; de novo tenho de ganhar mais um rublo e meio. Portanto trate de pagar. (TOLSTÓI, 2015, p. 406)

[...] E também a gente começou a ter vergonha de pedir: todo mundo estava em dificuldade, sem dinheiro, sem farinha, sem pão. Procurei trabalho para mim – disse o mujique –, mas não tem trabalho. O povo, em toda parte, se oferece para trabalhar só pela comida. Um dia de trabalho, dois dias andando para achar trabalho. (TOLSTÓI, 2015, p. 523)

Como é que vamos fazer agora? – disseram. – Ele vai arrancar nosso couro. Vai matar a gente de trabalhar: não tem dia nem noite, nem nós nem as mulheres temos descanso. Se alguma coisa não anda como ele quer, logo pula em cima, manda chicotear. O Semion morreu por causa dele. O Aníssim foi torturado no tronco [...]. (TOLSTÓI, 2015, p. 552)

Mesmo imbuído nesses contextos, os camponeses deveriam seguir a honestidade, a ética e a justiça, além de trabalhar sem reclamações, aceitar suas condições e sempre ajudar o próximo, incluindo seus senhores: “Trabalhamos na medida de nossas forças, trabalhamos com vontade, de modo que o patrão não sofra prejuízo, mas tenha lucro” (TOLSTÓI, 2015, p. 442).

De igual maneira, é interessante destacar as várias formas pelas quais o dinheiro é retratado ao longo dos contos. Como vê-se no excerto anterior, é necessário, para Tolstói, que o patrão tenha lucro, pois ele é quem fornece comida e moradia para seus trabalhadores. Contraditoriamente, é atribuído ao dinheiro uma conotação pecaminosa no conto “Um grão do tamanho de um ovo de galinha”, conforme se lê: “No meu tempo, ninguém pensava num pecado desses, vender o cereal, comprar, e a gente nem sabia o que era o dinheiro: tinha cereal à vontade, para todo mundo” (TOLSTÓI, 2015, p. 488).

Ainda em contradição, no texto *Como um capetinha resgatou um pedaço de pão*, o autor afirma que os camponeses devem colher apenas o necessário, sendo perigoso, para eles, o excesso de trigo e comida, já que o personagem que possuía em excesso fora alvo do capetinha. Nesse sentido, esse personagem explica para outro, o Diabo Chefe, como obteve sucesso em sua tarefa: “Eu apenas deixei que ele colhesse trigo em excesso. Esse sangue de fera está sempre dentro deles, mas não corre quando o trigo só cresce o necessário. Aí ele não lamenta perder seu último pedaço de pão, mas quando há pão de sobra ele começa a imaginar o que fazer para se divertir” (TOLSTÓI, 2015, p. 603).

Mesmo assim, para Tolstói, o camponês deve trabalhar acima de tudo; bastaria trabalhar para que toda sua condição fosse resolvida: “É só trabalhar mais, dormir menos, que em qualquer lugar podemos ter roupa e comida” (TOLSTÓI, 2015, p. 627). Por sua vez, pedir esmola em nome do Cristo é considerado pecado, conforme se lê em *Dois velhos*: “E pedir esmola em nome de Cristo vai ser um pecado ainda maior”

(TOLSTÓI, 2015, p.528). Portanto, o trabalho é o cerne da nova moral proposta por Tolstói.

De igual maneira, é possível ver contradição nas qualidades que o autor coloca em seus personagens. Conforme aqui já exposto, no *Conto sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malânia, o Diabo Velho e os três capetinhas*, Ivan é retratado como bobo para as coisas materiais, mas inteligente para as coisas espirituais. Assim, depois de se tornar rei, Ivan deixa sua mordomia para permanecer no trabalho braçal, zombando do Diabo Velho quando ele tentou ensiná-lo o trabalho intelectual. Entretanto, em *O afilhado*, constam nas qualidades do personagem “[...] era forte, trabalhador, inteligente e pacífico” (TOLSTÓI, 2015, p. 606). Ou seja, a inteligência torna-se uma qualidade.

Outra questão que se pode destacar nesses contos é a figura da mulher, que aparece nos contos de maneira preconceituosa e submissa. Em *Iliás*, quando o personagem homônimo ao conto é questionado acerca de sua vida, tem-se a seguinte resposta: “Se for falar com você sobre minha felicidade e infelicidade, não vai acreditar; é melhor perguntar à minha mulher; ela é mulher: o que traz no coração traz também na língua; ela vai contar toda a verdade sobre o assunto” (TOLSTÓI, 2015, p. 441). Aqui, fica clara a associação da mulher ao ofício de fofocqueira, ou mesmo tagarela.

Já em *Fogo aceso não se apaga*, o autor escreve: “No início, os mujiques caluniavam uns aos outros, depois começaram de verdade a pegar para si qualquer coisa que encontrassem largada fora do lugar. E assim as mulheres e as crianças aprenderam a fazer a mesma coisa” (TOLSTÓI, 2015, p. 464). O trecho em tela confere às mulheres a mesma condição das crianças: aquelas que, por estarem em fase de aprendizagem, copiam o que os mais velhos – os mais experientes, os homens – fazem.

Por seu turno, em *Contos sobre Ivan Bobo e seus dois irmãos: Semion Guerreiro e Tarás Barrigudo, e sobre a irmã muda Malânia, o Diabo Velho e os três capetinhas*, quando Semion e Tarás requerem ao pai a parte da terra que herdariam, o genitor pede para que eles conversem com Ivan, pois ele e a irmã eram quem de fato sustentavam a casa e usavam a terra. Apesar disso, Malânia foi excluída da conversa, cabendo tal decisão somente a Ivan.

Além desses, em *O afilhado*, quando o personagem que dá título ao conto descobre a traição do marido de sua madrinha e avisa-a, ele é penalizado pelo padrinho, que lança a seguinte desculpa: “Olhe – disse ele –, já faz um ano que o marido de sua madrinha deixou a esposa, vive na farra com outras, e ela, por causa do desgosto, passou a beber, e a amante que ele tinha antes sumiu no mundo. Aí está o que você fez com sua madrinha” (TOLSTÓI, 2015, p. 612). Aqui, é possível afirmar que a moral deixada por Tolstói é de que é melhor ser traída e sequer saber disso, tendo assim o

marido apenas uma amante (ao invés de várias), do que passar a beber por desgosto dos encontros amorosos do cônjuge.

Por último, em *Fogo aceso não se apaga*, a justiça aparece em vários momentos, mostrando a mudança do sistema pós-libertação dos servos em 1861. Assim, os recém-libertos poderiam recorrer à justiça, como se lê nos trechos que discorrem sobre a briga entre duas famílias de mujiques. O primeiro deles: “E sua esposa se gabava com os vizinhos, dizendo que agora iam condenar Ivan na Justiça e ele ia para a Sibéria. E a inimizade não parou mais” (TOLSTÓI, 2015, p. 463). Já o segundo: “E Ivan foi ao tribunal. O caso foi julgado pelo juiz de paz e pelo juiz do distrito. Enquanto eles eram julgados, sumiu a cravija da charrete de Gavrilo. As mulheres da casa de Gavrilo acusaram o filho de Ivan de ter pego a cravija” (TOLSTÓI, 2015, p. 464). E quando Ivan foi ameaçado, logo na saída do tribunal: “Senhores juízes! Ele ameaçou pôr fogo na minha casa. Podem perguntar, ele falou diante de testemunhas” (TOLSTÓI, 2015, p. 466).

Nesses contos, vê-se a significação utilizada, ou seja, a forma como Tolstói utilizou o discurso para alcançar o tema da moralidade (ainda que distante da Igreja Ortodoxa Russa de sua época). Nos casos aqui citados, o contexto religioso não possui a mesma significação dada por essa instituição religiosa, uma vez que, conhecendo o contexto histórico e as condições de produção do autor, bem como a forma como ele utiliza a língua em um determinado lugar, para uma determinada pessoa ou grupo, sobre determinado assunto, é possível concluir que as ideias que o escritor defendia iam contra os ideais da Igreja e, por isso mesmo, foi excomungado. Nem por isso deixou de escrever e publicar textos contra as atitudes e rituais dessa organização.

Volóchinov/Bakhtin (2017) cita a importância dos aspectos situacionais, já que, sem eles, o enunciado é de difícil compreensão. Assim, quando se pensa na compreensão de um enunciado, deve-se questionar o sentido que está ali expresso, o que não necessariamente é o sentido dado pelo enunciador, bem como pode não ser a compreensão de uma terceira pessoa.

É muito simples compreender isso quando fazemos uma analogia com a oralidade. Por exemplo: quando se ouve o enunciado “bobo”, há vários sentidos possíveis à palavra: em conjunto com contexto histórico, ele pode se referir a uma pessoa engraçada ou tola. Entretanto, no contexto histórico de Tolstói, e por meio do estudo de sua biografia, “bobo” acaba por se tornar um elogio, uma vez que as pessoas ligadas à matéria é que seriam tolas, pois não se preocupam com a moral e com o espírito. Assim, de acordo com o Círculo de Bakhtin, a palavra em si é neutra até que seja enunciada, e é no contexto da enunciação que a palavra passa a ter sentido.

Na mesma obra, Bakhtin ainda afirma que não existe um enunciado sem avaliação (VOLÓCHINOV, 2017). Cada indivíduo avaliará, por meio do discurso interior, os enunciados. Por isso, há múltiplas compreensões: as informações que chegam a cada um passam por uma avaliação interna, juntam-se aos seus horizontes sociais⁴ e transformam-se em novas compreensões. Portanto, é com o compartilhamento dessas avaliações, nas interações sociais – de forma dialética – que o horizonte social amplifica-se e realiza outras tantas compreensões, o que mantém a língua sempre em movimento, nunca estática, sem que para isso seja necessária uma convenção ou um tratado político para assim acontecer. Em cada troca de enunciados, ou seja, em cada conversa de corredor, há a troca de signos ideológicos e a mudança de todos os sujeitos ali envolvidos, a cada segundo de conversa. Nas palavras do autor, “Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 238).

Nesse sentido, Tolstói, ao se questionar sobre os ideais da Igreja Ortodoxa Russa, decidiu aprender grego, a fim de traduzir, por conta própria, o Evangelho de Jesus, pois assim daria ênfase às passagens de Jesus enquanto homem, em detrimento a Jesus enquanto santidade. Nas palavras de Bartlett (2013, p. 359):

Não se trata de um mero resumo banal do Novo Testamento, pois Jesus Cristo no Evangelho segundo Tolstói é um cristão bem ao estilo tolstoiano: um homem comum que tem uma visão crítica da religião organizada, e que não tem medo de denunciar as tentativas de obstruir sua mensagem ética. O Jesus projetado por Tolstói é um cavaleiro solitário, um paladino nadando contra a corrente da opinião pública, um “humilde sectário” com quem o conde se identificava e em quem podia se espelhar como exemplo de conduta moral.

É também importante destacar o discurso alheio, como descrito por Volóchinov/Bakhtin (2017). Trata-se do discurso anteriormente enunciado, que passa a compor a consciência do indivíduo, bem como a significação das palavras. Assim, entende-se que um forte discurso alheio presente nesses contos de Tolstói é o moralismo cristão. Cabe recordar, entretanto, que mesmo dentro do moralismo cristão, há também outros discursos alheios, que aliados ao discurso interior, transformam-se em outros, e assim sucessivamente. Nesse sentido, não existe passividade nas relações humanas: há sempre atividade no diálogo com outros e consigo mesmo; na leitura, por exemplo, o leitor não está apenas recebendo a obra, ele está consigo e com a obra em movimento dialético.

⁴ Podemos compreender por horizontes sociais os grupos que compartilham do mesmo espaço/tempo social e as diferentes linguagens que resultam dessa interação. Um exemplo que pode lançar luzes sobre tal questão é o de pessoas que possuem formação em Direito e possuem a mesma linguagem, o “juridiquês”, que é incompreendida por pessoas de outros horizontes sociais por não possuírem, em seus grupos, as mesmas definições construídas socio-historicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se levar em conta que a compreensão aqui apresentada não é a única existente. Sendo a linguagem algo incessantemente mutável, tanto quem escreveu quanto quem leu podem ter compreensões diferentes. Assim, o objetivo do artigo não foi trazer a veracidade dos fatos, mas sim o de mostrar para quem lê, uma das possibilidades de compreensão dos contos. Ou seja, as informações contidas nos contos de Tolstói não se limitam às apresentadas neste artigo. Mesmo assim, essa pequena compreensão deu indícios da cultura russa, pois demonstrou como o contexto histórico é refletido na literatura, bem como os signos ideológicos do autor. Além disso, a teoria do círculo de Bakhtin pôde ser apontada e alguns conceitos do filósofo puderam ser trabalhados por meio dos contos.

Entende-se que a apresentação do contexto histórico é primordial para a apresentação do enunciado: apenas com a leitura superficial dos contos não seria possível compreender o discurso. Foram necessárias, então, várias leituras: do contexto histórico-social da Rússia, da vida do escritor, além do período em que foram escritos os contos, pois a partir dessas informações tornaram-se explícitos os discursos alheios, as condições de produção do autor, dentre outras peculiaridades que fomentaram a leitura integral do discurso .

Assim, é importante lembrar que o sujeito é múltiplo, ou seja, cada indivíduo possui diferentes funções na sociedade, e em cada uma delas, em cada tempo/espaço onde se encontra, a linguagem pode se modificar. No caso de Tolstói, além de sujeito autor, era também sujeito marido, sujeito pai, sujeito professor, sujeito profeta. Dessa forma, para a compreensão do todo, o sujeito, a linguagem e a história são e não devem deixar de serem vistos como uma costura.

Tolstói reuniu nesses dezessete contos um plano de vida a ser seguido, e mostrou-os aos camponeses, adultos e crianças, bem como a seus seguidores. Em tais escritos, foi possível reconhecer a influência do cristianismo, das políticas da época, do tratamento dado aos mujiques nas fazendas e o papel da mulher naquele período histórico. Além disso, foi possível ver, nos contos, os pontos contraditórios da escrita de Tolstói aliados a toda sua dedicação para a população camponesa.

REFERÊNCIAS

- BARTLETT, R. **Tolstói**: a biografia. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Globo, 2013.
- BASSÍNSKI, P. **Tolstói**: a fuga do paraíso. Tradução: Klara Guriánova. São Paulo: LeYa, 2013.
- GRUNWALD, K. von. **União Soviética**. 5. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1988. (Pequena história das grandes nações.)

HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

ROSSÍSKAIA GAZETA. Las maravillas de la isba. **Russia Beyond**. [S.l.], 27 jan. 2014. Disponível em: https://es.rbth.com/cultura/2014/01/27/las_maravillas_de_la_isba_36669. Acesso em: 20 jul. 2018.

MARQUES, P. **León Tolstói: o educador libertário dos camponeses**. Disponível em: <http://libertariosufpel.blogspot.com.br/2014/05/leon-tolstoi-o-educador-libertario-dos.html> Acesso em: 20 jul. 2018.

PEREZ, D. P.; OLIVEIRA, N. F. A Educação na Obra de Tolstói: uma questão fundamental. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, v. 9, p. 239-248, dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/4545/5127>. Acesso em: 2 abr. 2019.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf>. Acesso em: 2 abr. 2019.

RODRIGUEZ, J. P. **Tolstói, pedagogo pioneiro da escola libertária**. Disponível em: <http://ppl.gal/tolstoi-pedagogo-pioneiro-da-escola-libertaria-filme-a-ultima-estacao/> Acesso em: 20 jul. 2018

TOLSTÓI, L. N. **Contos Completos**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac&Naify, 2015. (Contos Populares [Década de 1880], vol. 2.)

_____. **Ana Karênina**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

_____. **Os últimos dias**. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

VOLÓCHINOV, V. [CÍRCULO DE BAKHTIN]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 21/06/2019

Aprovado em 03/08/2019

